

70 mil para ver Leônidas



São Paulo 3 x 3 Corinthians Campeonato Paulista

Data: 24 de maio de 1942

Local: Pacaembu

Renda: 244:414\$000

Público: 70.281

Juiz: Jorge Gomes de Lima (Portugal)

Gols: Jerônimo 10', Lola 30', Servílio 48', Luizinho 60', Teixeira 81' e Servílio 88'

SÃO PAULO: Doutor, Fiorotti e Virgílio; Zaclis, Lola e Silva; Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal

Técnico: Conrado Ross

CORINTHIANS: Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino; Jerônimo, Milani, Servílio, Eduardinho e Hércules

Técnico: Rato

Para se tornar um dos maiores clubes do futebol brasileiro e do mundo, o São Paulo teve de enfrentar alguns obstáculos que à primeira vista pareciam intransponíveis, sobretudo em seus primeiros anos de existência. Fundado em 25 de janeiro de 1935 por iniciativa de simpatizantes dos extintos Paulistano e Associação Atlética Palmeiras, o São Paulo da Floresta viveu uma gravíssima crise financeira que comprometeu o futuro da equipe. Apesar de contar com o craque Artur Friedenreich, o grande nome dos primórdios do futebol no país, o time acabou extinto em 4 de maio de 1935. Após uma tentativa frustrada de se criar uma nova agremiação denominada Clube Atlético São Paulo, que não saiu do papel por falta de recursos, duas dezenas de persistentes sócios marcaram uma assembleia no final daquele ano e refundaram o São Paulo Futebol Clube no dia 16 de dezembro. Depois de ter sido campeão paulista em 1931 ainda como São Paulo da Floresta e ter passado por toda a turbulência que culminou na falência do clube, a nova equipe passou a segunda metade da década assistindo às conquistas dos adversários no campeonato estadual: o Palestra ficou com o título em 1936 e 1940, e o Corinthians celebrou o tricampeonato entre 1937 e 1939 e também o título de 1941. Para acabar com a supremacia dos dois rivais paulistanos, os dirigentes do São Paulo sabiam que era preciso reforçar o time com uma contratação de impacto – alguém que transcendesse o limite das quatro linhas e angariasse simpatia de novos torcedores e repercussão nacional. O divisor de águas na história são-paulina viria a ser simplesmente o principal jogador em atividade no futebol brasileiro naquele momento: Leônidas da Silva.

Nascido no Rio de Janeiro, no dia 6 de setembro de 1913, Leônidas marcaria época em três dos quatro grandes clubes da Cidade Maravilhosa e, já como craque consagrado, faria o São Paulo finalmente atingir o patamar de uma das maiores equipes do país. Foi no Bonsucesso que Leônidas iniciou sua trajetória no futebol profissional e executou pela primeira vez a bicicleta, sua jogada peculiar. De costas para o gol, ele lançava o corpo ao espaço e acertava a bola com um dos pés enquanto a outra perna estava suspensa – era algo que pouquíssimas pessoas tinham visto em campo naquela época. Há discussão, entretanto, sobre quem teria realmente inventado a jogada. A fama ficou com Leônidas, que até ganhou o apelido de “Rei da Bicicleta” por ter aperfeiçoado e popularizado esse recurso, mas relatos de um passado remoto dão conta de que a façanha teria sido do chileno Ramón Unzaga, em 1914. Para a história, entretanto, Leônidas da Silva é o inventor dessa jogada de rara habilidade e força. Não demorou muito para que o atacante fosse convocado pela seleção carioca para o Campeonato Brasileiro de Seleções, tradição da época. Ele comandou a equipe que conquistou o título ao vencer a seleção paulista do já veterano Friedenreich. Aquele foi um triunfo sintomático do surgimento de uma nova era: saía de cena o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro e pedia passagem o jovem craque que brilharia nos próximos anos. Leônidas foi chamado pela primeira vez para a seleção brasileira, no final de

1932. A estrela não decepcionou ao marcar os dois gols do Brasil na vitória por 2 a 1 sobre o Uruguai, então campeão olímpico e mundial, no jogo que decidiu a Copa Rio Branco na casa do adversário. Essa atuação impecável fez a imprensa uruguaia, que costumava dar apelidos aos grandes jogadores, chamá-lo de “Diamante Negro”. O sucesso foi tamanho no país que Leônidas acabou contratado pelo Peñarol, em 1933, mas não vingou vestindo a camisa de um dos mais tradicionais times sul-americanos, prejudicado por uma série de lesões no joelho. No ano seguinte, retornou ao Brasil para defender o Vasco e disputou sua primeira Copa do Mundo, na Itália. A seleção só fez um jogo e se despediu com uma derrota por 3 a 1 para a Espanha (gol dele). Em 1935, o artilheiro deixa o Vasco e se transfere para o Botafogo, pelo qual seria campeão carioca no mesmo ano. Em 1936, Leônidas aceita uma proposta do Flamengo e é o capitão rubro-negro na campanha do título estadual em 1939. Em 1938, o atacante viajou para disputar a Copa do Mundo da França já como principal ídolo do clube mais popular do Brasil. Aquele seria o Mundial que consagraria definitivamente Leônidas da Silva no cenário internacional.

Logo na estreia da seleção, o craque do Flamengo marcou quatro gols na vitória por 6 a 5 sobre a Polônia. Na segunda partida, pelas quartas de final, contra a Tchecoslováquia, o Diamante Negro fez dois gols, um deles de bicicleta, e o Brasil empatou por 1 a 1 no tempo normal e venceu por 1 a 0 na prorrogação. Ele ficou de fora da semifinal contra a Itália por conta de uma pequena lesão sofrida no duelo diante dos tchecos e não pôde evitar a derrota brasileira por 2 a 1 que acabou com as esperanças de título. Na disputa pelo terceiro lugar do Mundial, Leônidas voltou em grande estilo e anotou mais dois gols no triunfo por 4 a 2 contra a Suécia. Artilheiro da Copa com oito gols, o craque também foi eleito o melhor jogador do torneio. Na volta ao Brasil, ele não era só um fenômeno dos gramados, mas também uma personalidade estelar, um ícone, uma paixão nacional. E objeto de desejo de várias empresas que gostariam de ter sua marca associada a ele, como a Lacta, que lançou o chocolate Diamante Negro, vendido até hoje.

Mas a maré favorável ao atacante começa a virar em 1941, quando é afastado do elenco do Flamengo por decisão da diretoria. Os cartolas se revoltaram com a alegação de Leônidas de que não tinha condições de defender a equipe em uma excursão à Argentina devido ao rompimento do menisco. O Rubro-Negro decidiu suspender o pagamento a seu principal jogador. A crise se agravou quando se soube que Leônidas respondia na Justiça Militar a um processo por falsificação do certificado de reservista, em 1935, quando defendia o Botafogo. Ele foi preso. Ficou oito meses detido na Vila Militar, no Rio, e assim que deixou a prisão entrou na Justiça contra o Flamengo e praticamente inviabilizou sua permanência na Gávea. Por outro lado, em São Paulo, um outro grande clube procurava exatamente um jogador como Leônidas da Silva.

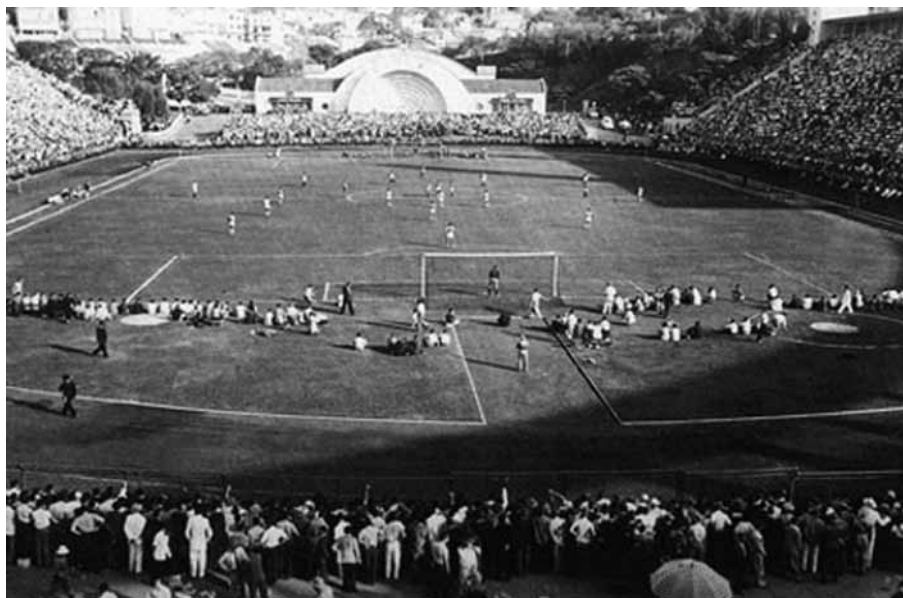
“O cardeal tricolor Paulo Machado de Carvalho e Leônidas, embora não se conhecessem, tinham um amigo em comum: o cantor Manezinho Araújo. Numa

de suas vindas para São Paulo para atuar na Rádio Record, cujo dono era Machado de Carvalho, o cantor comentou o imbróglio envolvendo Leônidas com o nosso ‘Marechal da Vitória’, que se entusiasmou com a iminente saída do craque do Flamengo e cogitou a possibilidade de trazê-lo para o São Paulo. Trabalhando como intermediário da negociação, Manezinho conseguiu convencer Leônidas a jogar pelo Tricolor. Para isso, o São Paulo desembolsaria a fabulosa soma de 200 contos de réis para comprar o passe do craque, a maior transação do futebol da América do Sul até então. A negociação foi concretizada no dia 1º de abril de 42”, narra o jornalista Conrado Giacomini no livro *Dentre os grandes, és o primeiro*.

Após o acerto entre as duas partes, o grande nome da Copa do Mundo de 1938 seguiu de trem para a capital paulista. O período em que ficou preso e os problemas disciplinares e físicos nos últimos anos de Flamengo fizeram com que surgissem muitas dúvidas sobre o retorno do Diamante Negro aos gramados. Não eram poucos os que não acreditavam que Leônidas pudesse voltar ao auge de sua forma técnica. O Tricolor havia comprado do Rubro-Negro um jogador velho e bichado, “um bonde de 200 contos de réis”, dizia o tabloide *A Hora*. Mas não é que o “bonde” foi recepcionado em São Paulo como rei? Nada menos que 30 mil pessoas se aglomeraram na Estação da Luz para saudar a nova estrela do futebol paulista. A cidade parou. A estreia já estava programada: seria no dia 24 de maio de 1942, no clássico contra o Corinthians, pela sétima rodada do primeiro turno do Campeonato Paulista. O Alvinegro defendia o título estadual que conquistara no ano anterior e detinha supremacia do futebol paulista naquele momento. A equipe do Parque São Jorge tinha sido campeã em quatro dos últimos cinco campeonatos (1937, 1938, 1939 e 1941).

Até enfrentar o Corinthians, o São Paulo havia vencido todos os seus seis jogos no Paulistão. E, antes do início da competição, em um torneio amistoso chamado Quinela de Ouro, o time do técnico Conrado Ross já tinha duelado com o arquirrival e empatado por 3 a 3, no dia 7 de março. O novo embate monopolizava as discussões em bares, cafés, escritórios e rodas de amigos pelas ruas da cidade. Só se falava na estreia de Leônidas da Silva. O resultado de tanta mobilização não poderia ser outro. O Pacaembu recebeu o maior público de sua história e 70.281 torcedores se acotovelaram nas arquibancadas para ver o Diamante Negro naquela tarde de domingo (com 63.281 pagantes). Jamais o estádio recebeu ou receberá um público tão grande, já que a capacidade atual da tradicional arena paulistana é de pouco mais de 40 mil lugares. Outra curiosidade envolveu o clássico: o árbitro do jogo foi o português Jorge de Lima, o Joreca, que penduraria o apito e se aventuraria na carreira de técnico de futebol a partir do ano seguinte. Ele foi contratado pelo São Paulo em 1943 e ficou no clube até 1947, comandando Leônidas e um festival de craques.

Cercada de muita expectativa, a partida não decepcionou a multidão que compareceu ao Pacaembu. Logo aos 10 minutos, Jerônimo cala a torcida são-paulina e abre o placar para os alvinegros em uma jogada de velocidade. O empate



O Pacaembu recebeu o maior público de sua história, para ver a estreia de Leônidas da Silva no São Paulo: mais de 70 mil torcedores se acotovelaram nas arquibancadas

do Tricolor vem aos 30: após cobrança de escanteio de Pardal, Lola acerta um chute de primeira, à meia-altura, e faz 1 a 1. O Corinthians volta fulminante para o segundo tempo e fica novamente em vantagem aos 3 minutos, com Servílio, que aproveita a sobra depois de um bate e rebate na área tricolor e manda para o fundo das redes do gol de Doutor. Mas o São Paulo não está morto e dá sinal de sua força aos 15 minutos, quando Luizinho, de cabeça, deixa tudo igual no placar mais uma vez: 2 a 2. O clássico é eletrizante. Os dois times jogam aberto e dão espaço um ao outro. Ambos vão ao ataque e proporcionam à torcida um belíssimo espetáculo no Pacaembu. A única decepção é justamente Leônidas, visivelmente sem ritmo de jogo por não disputar uma partida oficial há quinze meses e ainda em recuperação de uma recente cirurgia no joelho. O Diamante Negro tem atuação discreta e não incomoda a defesa corintiana. O desfecho do clássico é imprevisível, e as duas equipes desperdiçam várias oportunidades de gol. Até que o Tricolor chega, enfim, à virada! Aos 36 minutos da etapa final, Teixeira chega antes do goleiro Joel e completa para as redes alvinegras, fazendo 3 a 2 para o São Paulo. A apenas 9 minutos do encerramento do jogo, a torcida tricolor já começa a comemorar nas arquibancadas. Os alvinegros ficam em silêncio... por pouco tempo. Aos 43, brilha outra vez a estrela de Servílio, que, de cabeça, define o placar em 3 a 3, mesmo resultado do confronto de meses atrás. A partida termina, e quem comemora mais são os corintianos, pelo empate heroico no final e, principalmente, pela atuação ruim do badalado contratado do Tricolor. Os torcedores

do Alvinegro aproveitam para espalhar uma piadinha pela cidade nos dias que se seguem ao clássico. Diziam eles que o médio Brandão, do Corinthians, que havia marcado Leônidas durante o jogo, tinha sido preso “por ter colocado o Diamante no bolso”. O novo craque tricolor ficou furioso. “Fiquei possesso. E nunca mais joguei mal contra o Corinthians”, disse Leônidas anos depois.

As piadinhas e dúvidas sobre o atacante do São Paulo começaram a ser dissipadas uma semana depois, no dia 31 de maio, quando o craque fez os dois primeiros gols do Tricolor na vitória por 4 a 2 sobre o Santos. No jogo seguinte, diante do Palestra, o São Paulo perdeu por 2 a 1, mas o astro fez seu primeiro gol de bicicleta com a camisa da nova equipe. Em 30 de agosto, São Paulo e Corinthians voltaram a se enfrentar no Pacaembu, pelo retorno do Paulistão, e Leônidas deixou a sua marca no triunfo tricolor por 4 a 2. Os números do atacante em clássicos contra o Alvinegro são respeitáveis: em quinze jogos, foram dez vitórias, três empates e apenas duas derrotas, com sete tentos anotados. Piadinhas à parte, o Diamante Negro se cansou de pôr o Corinthians no bolso no período em que defendeu o São Paulo, entre 1942 e 1950. E, mais importante, foi fundamental para transformar um antigo coadjuvante das disputas estaduais em protagonista. Nos anos 1940, o Tricolor se consolidou como potência do futebol brasileiro, formou um dos maiores times de sua história e não parou de ganhar troféus. Foram cinco títulos, dois vice-campeonatos paulistas e algumas goleadas históricas, como os 9 a 1 sobre o Santos, em 18 de junho de 1944 (placar mais elástico da história do clássico San-São), e os 12 a 1 em cima do Jabaquara, em 8 de julho de 1945 (maior goleada da história do São Paulo e do Pacaembu).

Apesar da boa campanha no Campeonato Paulista de 1942, o Tricolor ficou em terceiro lugar, atrás do campeão Palmeiras e do Corinthians. O time são-paulino venceu quinze jogos, empatou dois e perdeu três. Um deles foi o duelo que acabou dando o título estadual ao Alviverde, em 20 de setembro. Foi a primeira partida após a mudança de nome do Palestra Itália para Palmeiras, coroada com a vitória por 3 a 1. Os jogadores do São Paulo “fugiram” de campo, revoltados com a arbitragem de Jayme Rodrigues Janeiro. A equipe abandonou o gramado aos 19 minutos do segundo tempo, logo após o defensor Virgílio receber cartão vermelho por uma entrada dura em Og Moreira. Cumprindo ordens do presidente do Tricolor, Décio Pacheco Pedroso, o capitão Leônidas conversou com os companheiros e conduziu a debandada. Aquele título do recém-batizado Palmeiras ficou conhecido como a “Arrancada Heroica” de 1942. A equipe entrou em campo no jogo decisivo carregando a bandeira do Brasil. Até hoje, os palmeirenses dizem que aquele time “morreu líder e nasceu campeão” – em alusão à mudança de nome às vésperas do jogo contra o São Paulo.

Para o torcedor tricolor, o Campeonato Paulista de 1942 será sempre lembrado como a primeira competição que Leônidas da Silva disputou pelo clube. Mesmo sem brilhar em sua estreia na nova equipe, o Diamante Negro levou mais de 70 mil pessoas ao Pacaembu para vê-lo em ação, fez o time angariar novos

torcedores e mudar de status e não demorou a provar que o investimento em sua contratação tinha valido a pena. E muito! O legado mais importante que Leônidas deixou para o São Paulo foi transformá-lo de vez em um time grande. Gigante. Vencedor. Respeitado e temido pelos rivais. O “bonde de 200 contos de réis” colocou o Tricolor no caminho das glórias. E só por isso – como se não bastassem os gols de bicicleta, os títulos e as tardes e noites mágicas no Pacaembu – já ocupa um nobilíssimo espaço na galeria de seus maiores ídolos de todos os tempos.



Contratado ao Flamengo, em 1942, Leônidas chegou ao São Paulo em baixa, chamado de “bonde de 200 contos de réis”. A estreia contra o Corinthians foi discreta, o que aumentou a desconfiança. Mas o investimento daria resultado: o Diamante Negro fez 144 gols em 211 jogos e conquistou cinco títulos paulistas